

Comunidade no mundo contemporâneo: Identidade e lugar

Priscila Aquino Silva

Orientação: Prof. Dr. João Maia

Graduanda do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da UERJ

113

Resumo:

O presente artigo pretende refletir acerca do tema comunidade, aprofundando dois conceitos fundamentais para o seu entendimento: a questão da identidade no mundo atual; e o lugar de produção dessa identidade, onde se estabelecem os laços e sentimentos de reconhecimento.

Abstract:

The following article deals with the community issue, developing two fundamental concepts for its understanding: the query of identity in contemporary world; and the role of its production, in which the ties and feelings of recognition stablish themselves.

Lançar mão à reflexão pertinente ao tema comunidade, significa aprofundar dois conceitos fundamentais para o seu entendimento: a questão da identidade no mundo atual; e o lugar de produção dessa identidade, onde se estabelecem os laços identitários e sentimentos de reconhecimento. Para empreender este estudo dividiremos o artigo em três esferas tão intrinsecamente ligadas que não será possível uma separação estanque entre elas: em primeiro lugar analisaremos as raízes filosóficas da construção da identidade Ocidental, monolítica e que possui enorme dificuldade para lidar com “outros” de todas as espécies. Em seguida trataremos da espacialidade em torno da qual é edificada a noção de lugar – a partir daí voltaremos nosso olhar para a cidade. Finalmente trataremos da questão das tradições locais; da narrativa, enquanto pulsão essencial de construção de identidades multifacetadas e fragmentadas; e daqueles considerados os “outros” que habitam a cidade: os excluídos. Teremos o auxílio, para essa discussão, de autores importantes como Zygmunt Bauman, Milton Santos, Platão, Renato Ortiz e Octávio Ianni. Tentamos nos concentrar, então, na construção de um sentimento de pertencimento, de pertinência a determinado grupo ou lugar, mesmo que atualmente a edificação disso que podemos chamar de identidade seja esfacelada, diluída e estilhaçada pela possibilidade de aceitação em vários grupos. O pertencimento da era da globalização é múltiplo e vemos isso como uma possibilidade de assentimento da diversidade que se instituiu através da crise dos paradigmas e dos modelos modernos de comportamento e ação.

Assim, primeiramente lançaremos nosso olhar àquilo que é considerado a raiz filosófica da sociedade ocidental: o platonismo. Quando percebermos que a questão da comunidade, da formação de grupos onde se estabelecem vínculos identitários, se constituiu para o ocidente justamente por uma incapacidade, por uma dificuldade de convivência com o diferente, estaremos desvelando a matriz primordial da sociedade ocidental, que se instituiu com o próprio Platonismo através de uma escolha. Como nos adverte Bauman, o sonho de Platão de uma verdade e de um padrão unificado. Por isso, faz-se necessário explicar um pouco mais da filosofia platônica para entender que sonho era esse, e qual sua influência no mundo ocidental desde então, na nossa concepção de identidade. Em seu Mito da Caverna, Platão nos oferece uma alegoria que carrega em si o sentido de toda sua filosofia. Sombras, escuridão e ignorância têm o mesmo sentido semântico nesse diálogo assim como luz, saber e conhecimento. Ou seja, para se sair das trevas da ignorância, o processo é traumático e tem que ser direcionado para a aquisição de conhecimento. Só saindo das sombras das falsas idéias do mundo, que visto da escura caverna subterrânea sempre parecerá diferente e/ou pior do que realmente é, e partindo para as luzes do dia claro que grassa na superfície é que o homem poderia saber realmente o que é o mundo. Passando esse universo simbólico da fábula platônica para uma linguagem mais objetiva, o filósofo quis nos narrar a metáfora da sua compreensão do mundo: ele acredita que o processo de conhecimento

representa a progressiva passagem das sombras e imagens turvas ao luminoso universo das idéias, atravessando etapas intermediárias. Divide o mundo em dois: o mundo sensível, aquele formado por opiniões sem comprovação científica, por meras intuições e aparências; e o mundo inteligível, aquele formado pela investigação científica. O mundo sensível seria uma imitação do mundo inteligível, pois todo o universo seria resultado de uma ação divina, de uma idéia original e eterna. Mas o mundo terreno seria apenas a imitação, o “simulacro” dessa idéia original. Teríamos então apenas uma “ilusão de realidade” no cotidiano terreno. E é por isso que apenas com a aquisição de saber que o ser pode chegar à Verdade Absoluta do mundo, ao encontro com o absoluto fundamento da verdade. Nesse sentido, Platão empreendeu uma escolha.

Mas afinal de que escolha se trata afinal? Estamos falando de uma decisão que se encontra na matriz da sociedade ocidental e que vive da “dificuldade de pensar a identidade como identidade, e não como igualdade”¹, de não saber lidar com as diferenças. É uma decisão que se decide “pelo ser contra o nada, pela essência contra a aparência, pelo bem contra o mal, pelo inteligível contra o sensível, pelo permanente contra o mutável, pelo verdadeiro contra o falso, pelo racional contra o animal, pelo necessário contra o contingente, pelo uno contra o múltiplo, pela sincronia contra a diacronia.”² Pelo modelo contra o simulacro, pela verdade contra a opinião, pelo autêntico contra o inautêntico pela filosofia contra o pensamento. Essa decisão dita a aurora da sociedade ocidental... e dita também a minha e a sua prisão. Prisão obviamente cultural, um estar agarrado a uma visão de mundo universalizante que não permite a convivência com Outros de qualquer categoria, e que por isso, incorpora as diferenças – através de um processo fágico – ou simplesmente as aniquila – num processo êmico. Mas nunca as aceita. A tentativa desesperada de separação entre “nós” e “eles”, e de formação de uma unidade pela semelhança faz parte dessa escolha ocidental pelo uno. Assistimos a essa separação durante grande parte da história – a filosofia, a religião e a ciência são três vertentes fundamentais nesta divisão. Poderíamos fazer uma genealogia da distinção platônica através dos tempos – e nela com certeza entrariam nomes como Descartes e sua divisão mecânica de corpo e mente; Newton, com sua teoria atômica; Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, que teorizaram o platonismo católico; enfim, todos os grandes nomes da ciência, uma vez que ser um cientista implica ter um pressuposto básico: a busca da verdade. Portanto, para se pensar identidade no mundo Ocidental é preciso levar em conta essa raiz, que herdamos do platonismo – a necessidade constante de separação entre verdadeiro e falso, entre “nós” e “eles”, essa dificuldade de lidar com a alteridade.

Contudo, presenciamos no mundo contemporâneo, um processo em que assistimos o assentimento das diferenças em determinadas instâncias, a possibilidade da pluralidade, ou que Bauman chama de “modernidade líquida” – onde os parâmetros fechados de aceitação social fundados na “modernidade sólida” perdem o sentido num processo em que a identidade multifacetada é

aceita com maior facilidade. Para esse autor a “modernidade sólida”, que corresponde à sociedade constituída na época moderna, é aquela marcada por um espaço tempo mais lento e preso a uma industrialização pesada, a uma determinada ciência e um tipo de tecnologia que primava pelas construções grandiosas, como locomotivas e aviões. Na modernidade pesada a territorialidade era importante e sua expansão uma demonstração de poder do Estado. Com a Globalização e o advento da chamada “modernidade líquida” vemos que esse processo se diferencia, possibilitando que a identidade do homem contemporâneo seja mais rica, múltipla e menos “una”. Inserir-se numa determinada pertinência na sociedade de hoje significa, então, não estar fechado à incorporação de vários valores e tradições, muitas vezes contraditórios aos olhos modernos, mas que no mundo atual assumem papel de complementariedade.

Desta forma, uma nova percepção do tempo e do espaço é instituída com a globalização, uma nova acepção temporal e a introjeção de novos parâmetros visuais e espaciais. Para Milton Santos “A globalização constitui o estágio supremo da internacionalização, a amplificação em ‘sistema-mundo’ de todos os lugares e de todos os indivíduos, embora em graus diversos. Nesse sentido, com a unificação do planeta, a Terra torna-se um só e único ‘mundo’ e assiste-se a uma refundição da ‘totalidade-terra’”³. Fala-se aqui do processo de “homogeinização cultural”, onde através de sistemas intrincados, de redes e infovias assiste-se um nivelamento cultural. Num mundo onde o contato entre civilizações é cada vez maior pelo próprio fenômeno da globalização, o que Ortiz nota é o esfacelamento da noção de lugar e de território e as multiplicidades étnicas entram em um processo de “homogeinização cultural” e de fragmentação. Fragmentação e homogeinização andam lado a lado. No entanto, queremos entender que este processo de padronização não impossibilita um reconhecimento a um espaço determinado – mais particularmente à cidade, que será alvo da discussão a seguir.

Assim, ao lado do ritmo acelerado do espaço tempo midático, do simulacro, e do mass mídia, temos a nos provar a superposição de tempos que caracteriza as cidades, um tempo que caminha junto aos passos apertados dos idosos e inválidos, o tempo de uma vizinhança que se reconhece e se cuida, enfim, o tempo de uma comunidade. Nesse sentido a comunidade aparece como a utopia de uma identidade. O sonho a ser alcançado. Portanto, ao nos debruçarmos sobre as perspectivas de análise das tradições em suas diversas formas de manifestação, nos deparamos com a questão da instantaneidade dos laços afetivos e da efemeridade das relações humanas no mundo atual. Não gostaríamos de ver essa transformação engendrada pelos meios técnicos científicos como uma barreira e um impedimento para a tradição. É preciso ressaltar que tomamos aqui a tradição como um conjunto de práticas, usos e costumes adotados por determinado grupo, que estabelece laços identitários entre os indivíduos Assim, quando falamos de superposição de tempos no espaço urbano estamos colocando em questão a cidade como fonte de estudo que nos

revela práticas, costumes e marcas do vivido e do vivenciado no passado, já esmaecidos pelo tempo cronológico. Nessa perspectiva somos socialmente edificados pelo espaço que nos cerca. Afirma-se então que o espaço guarda em si a permanência de outros tempos, de outras tradições; que as marcas do vivido estão estampadas em cada construção, em cada rua, em cada praça, e mesmo nos espaços vazios. E por intermédio dos lugares de existência humana, vamos chegando mais perto de épocas que não são nossas, de vidas que já esmoreceram, reconstruindo o passado seguimos com esse complicado processo de alteridade, de entendimento de um outro que não está presente, mas que se faz presente na materialidade das permanências. Deste modo, “Nas ruínas, a batalha dos tempos carrega consigo a batalha entre a natureza e a sociedade, o telúrgico e a cultura”.⁴

A longa duração das práticas cotidianas, das tradições, que persistem e deixam seus vestígios no espaço do vivido através da união dos laços e relações – aqui entra a chave de compreensão daquilo que podemos intuir como tempo lento na cidade contemporânea. No bojo deste processo, a sociedade ocidental que sempre primou pela explicação se vê diante da necessidade da narração. A narrativa trabalha alegoricamente de forma a dar escolhas cognitivas ao seu receptor. Sua lógica de funcionamento preconiza uma formação identitária abrangente, multifacetada, ou quiçá, como diz Octávio Ianni, ilusória:

“A narração é atravessada pela dispersão de signos, significados e conotações. Inauguram-se novas formas narrativas montagem, colagem, bricolagem, vídeo clipe, aforismo, pastiche, simulacro, virtualismo. O grande relato se revela insatisfatório, ultrapassado, insuficiente. Em lugar da grande narrativa, articulação abrangente ou histórica, coloca-se o método aforístico,(...), a pequena narração, a folclorização do singular, a ilusão da identidade”⁵

Significa, então, descobrir na narrativa uma pulsão fundamental para essa superação do platonismo. Não mais a unidade, a busca da coisa em si mesma, e sim a tentativa de lidar com a alteridade de modo a aceitar sua multiplicidade. Narrar significa descobrir o outro através de uma mudança, de uma transformação de si próprio. Narrar é também utopizar e tornar concreto alguma coisa, é “simular” um episódio imaginário ou não. A narrativa prescinde da verdade e privilegia a interpretação, a ilusão de realidade, possuindo também seu toque de sedução. O entendimento se dá pelo envolvimento e não pela pretensa distância cientificista – Sherazade sabia disso ao seduzir seu Sudão com o fascínio de suas estórias em “As Mil e uma noites”. Significa acolher a desordem enquanto componente da ordem e não mais buscar uma ordem absoluta e fechada numa racionalidade científica, numa verdade absoluta. Nesse sentido gostaríamos de pensar a narrativa como a principal veiculadora e legitimadora de tradições que se atrelam estritamente aos seus locais de produção – seja ele uma favela, um condomínio fechado, uma tribo ou uma cidade.

No espaço da técnica, com os transportes instantâneos ou a não

necessidade de locomoção, o mundo se tornou endótico - tudo chega a seu destino via net, ou pelos dígitos do telefone. Assim, aqueles que possuem melhor conhecimento do espaço real que os cerca, do lugar, da territorialidade enfim, dos meandros espaciais e sociais da cidade ainda são aqueles que não pertencem, que não se prendem ao tempo instantâneo e fugaz experimentado e vivificado pela técnica do mundo contemporâneo: os excluídos. Assim, nesse mundo modificado pelas inúmeras técnicas e tecnologias da atualidade, onde o jogo da dominação é feito não mais entre o maior e o menor - como no imperialismo -, mas entre o mais rápido e o mais lento, é preciso dar crédito às palavras de Milton Santos para quem a força dos fracos é seu tempo lento. Pois talvez os excluídos e renegados do sistema, esses vagabundos e desocupados, nos consigam mostrar o valor de uma verdadeira comunidade – através de sua força de resistência no espaço cotidiano, no lugar. Esses excluídos que assistem o mundo e suas transformações da janela de suas casas e não pelas janelas da web possuem o conhecimento (não a informação) de uma materialidade que se perde aos olhos daqueles que navegam pelo ciberespaço. Não estamos colocando essa distinção como uma contradição e sim como um aparente paradoxo que se resolve em sua complexidade.

118

Milton Santos localiza a existência, paralelamente ao mundo vertical da racionalidade hegemônica de atores multinacionais, zonas caracterizadas pela horizontalidade. Nesses espaços trava-se uma integração solidária já que os agentes estão ligados de forma orgânica, por fatores econômicos, sociais, culturais, e principalmente geográficos. Segundo Santos, é no espaço da horizontalidade que podemos antever a presença de uma contra ordem, criada e regulada pelo território, paralela à tendência unificadora e homogeneizante que caracteriza a racionalidade hegemônica das verticalidades globalizantes. Assim, Milton Santos nos adverte da existência de duas esferas importantes para o entendimento da globalização: uma, a vertical, hegemônica, global, onde o tempo é frenético, acelerado, e que se insere na lógica homogeneizadora, unificadora, fragmentadora das grandes empresas multinacionais e das macroempresas; e outra esfera, marcada pela horizontalidade, pelo local, integradora, arraigada ao lugar, em que se presencia outras racionalidades, que vão de encontro à lógica hegemônica e globalizante. São, portanto, duas temporalidades vividas e sentidas de forma diferenciada, mas concomitantes, e por isso esquizofrênica. Para o geógrafo:

“O território tanto quanto o lugar são esquizofrênicos, porque de um lado acolhem os vetores da globalização, que neles se instalam para impor sua nova ordem, e de outro lado, neles se produz uma contra-ordem, porque há uma produção acelerada de pobres, excluídos e marginalizados. Crescentemente reunidas em cidades cada vez mais numerosas e experimentando a situação de vizinhança (que segundo Sartre é reveladora), essas pessoas não se subordinam de forma permanente à racionalidade hegemônica e, por isso, com frequência podem se entregar a manifestações que são a contra-face do pragmatismo.

Assim, junto à busca da sobrevivência vemos produzir-se, na base da sociedade um pragmatismo mesclado com a emoção a partir dos lugares e pessoas juntos.”⁶

É nesse lugar esquizofrênico de convivência de tribos e valores – a cidade – que vemos o choque entre o global e o local, entre dois tempos distintos que partem o território em fragmentos dissonantes onde a percepção temporal e espacial são distintas e destoantes. É na cidade e em suas múltiplas possibilidades, enfim, que se encontram épocas superpostas e permanências de laços afetuais que o tempo lento permite sobreviver à época da técnica, da racionalização e da aceleração frenética do mundo contemporâneo. E é através dos excluídos desse mundo da técnica que podemos experimentar essa outra temporalidade. A subversão da lógica da velocidade deve ser feita, como diz Milton Santos, através do tempo lento dos pobres. São eles que hoje em dia reconhecem-se no território e que estabelecem no cotidiano uma ligação de afetividade com o lugar. O autor reconhece, ainda, a importância da cidade e de sua racionalidade singular: “Vejam-se, por exemplo, as diferenças, hoje, entre campo e cidade. No campo as racionalidades da globalização se difundem mais extensivamente e mais rapidamente. Na cidade, as irracionalidades se criam mais numerosas e incessantemente que as racionalidades, sobretudo quando há, paralelamente, a produção de pobres.”⁷ Afinal, se a cidade propicia os grandes encontros, o amplo diálogo com o outro, o choque ininterrupto de diferenças e o fluir avassalador de idéias, esse espaço também tem o poder de transformar o diferente no mesmo – enfim, algum código precisa ser criado para que esse caldeirão efervescente não transborde ou estoure em irreconciliáveis desentendimentos. É preciso, então, criar laços de reconhecimento, de identidade com o lugar vivido – e por isso a cidade é um ambiente de inserção numa comunidade de pertencimentos. A cidade é o espaço que remete a um passado esfacelado nas ruínas e destroços de povos que já se foram, de comunidades que viveram naquele mesmo território e legam aos descendentes a tradição e uma identidade que permanece na longa duração. O localismo se traduz na própria noção de socialidade – onde o cotidiano ganha força e dimensão quando os grupos e indivíduos se chocam e se esbarram no burburinho caótico da cidade. As alianças e os laços de pertencimento celebram o nascimento de valores alternativos à chamada lógica da rede. No turbilhão caleidoscópico de cores e vozes que se encontram e se chocam na cidade, no local: eis onde podemos antever a formação de um sentimento de pertença arraigado na socialidade e nos laços abertos de um mundo onde o local e o global não são contraditórios, mas complementares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.

Os Pensadores Originários Anaximandro, Parmênides, Heráclito, Introdução: Emmanuel Carneiro Leão, Editora Vozes – terceira Edição Petrópolis:1999.

HAESBAERT, R. 2001. *Globalização e Fragmentação no mundo contemporâneo*. Niterói. Eduff.

SANTOS, Milton. *Por uma Globalização mais humana*. In “O país distorcido: O Brasil, a globalização e a cidadania”. São Paulo. Publifolha, 2002.

_____. *Os espaços da globalização*. In. Técnica, Espaço Tempo. Editora: Hucitec, São Paulo.

_____. (2002) *Por uma outra Globalização*. Ed. Record, Rio de Janeiro.

ORTIZ. Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

IANNI, Octavio. *Modernidade Mundo*. In: Teorias da Globalização. Civilização Brasileira.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos; O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1991.

Coleção Os Pensadores – *PLATÃO, Vida e obra*. Editora Nova cultura Ltda, 2000.

NOTAS

¹ Os Pensadores Originários Anaximandro, Parmênides, Heráclito, Introdução: Emmanuel Carneiro Leão, Editora Vozes – terceira Edição Petrópolis:1999. pg 7

² IDEM, pág 7.

³ SANTOS, Milton. Os espaços da globalização. In. Técnica, Espaço Tempo. Editora: Hucitec, São Paulo

⁴ IANNI, Octavio. “Modernidade Mundo”. In: Teorias da Globalização. Civilização Brasileira.

⁵ IDEM.

⁶ SANTOS, Milton. (2002) Por uma outra Globalização. Ed. Record, Rio de Janeiro. pg 114

⁷ IDEM. Pg 115